

■ relato de campo

AS RELIGIOSIDADES EM CAMPOS DE REFUGIADOS E AS FRONTEIRAS QUE CRIAMOS

Josué Carlos Souza dos Santos¹ e
Cláudio Travassos Delicato²

Resumo: Este artigo é um relato de campo com inserção dos pesquisadores na Turquia e Grécia. A viagem ocorreu em 2017 e os pesquisadores moraram nessas duas nações nesse período, visitando regularmente campos de refugiados e comunidades vulneráveis turcas e gregas. O relato foca em também apontamentos sobre religiosidades dentro de campos de refugiados na Europa através das notas de campo e narrativas aliadas ao estudo qualitativo, inserindo-se no âmbito de estudos do mestrado profissional em Segurança Pública, Direitos Humanos e Cidadania da Universidade Estadual de Roraima.

Palavras-chave: Ciências das Religiões. Refugiados. Migrações. Fronteiras. Relato de Campo.

Abstract: This article is a report about the authors' visit to refugee camps and vulnerable communities in Turkey and Greece. The field research took place in 2017 and the researchers lived in these two nations for two months, visiting the chosen communities regularly. The report focuses on discussions on religiosities within refugee camps in Europe through field notes and narratives combined with a qualitative study, as part of a professional master's studies in Public Security, Human Rights and Citizenship at Universidade Estadual de Roraima.

Keywords: Sciences of Religions. Refugees. Migrations. Borders. Field Report.

Introdução

A mulher que nos recebeu achou curioso e interessante o fato de irmos de tão longe para trabalhar com refugiados em seu vilarejo na Grécia. Skala Skamineas é um pequeno vilarejo costeiro da ilha de Lesbos, perto da fronteira marítima com a Turquia.

¹ Universidade Estadual de Roraima (UERR). Link para o currículo lattes: <http://lattes.cnpq.br/4726525198073708>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1172-5763>. Contato: josueh12@hotmail.com

² Universidade Estadual de Roraima (UERR). Link para o currículo lattes: <http://lattes.cnpq.br/6491741235470830>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4664-5819>. Contato: claudio.travassos@uerr.edu.br

Mesmo tendo ouvido falar da Grécia e do grande fluxo de refugiados que chegavam pelos mares que circundam aquela nação, estar lá foi diferente. O propósito de estar ali foi de realizar um trabalho voluntário e humanitário, mas, ao mesmo tempo, com um olhar acadêmico voltado para pesquisa sobre humanidades e ciências sociais aplicadas, inclusive religião e cultura.

Foi então que procuramos instituições que trabalhavam no campo humanitário naquela região. Nessa pesquisa, identificamos que muitas pessoas inseridas nesse contexto de deslocamento migratório forçado vinham de alguns lugares fronteiriços, principalmente da Turquia. Fizemos mais pesquisas para saber quais organizações da sociedade civil estavam em campo atuando com respostas humanitárias nesse contexto. Na Turquia, encontramos basicamente algumas igrejas cristãs que trabalham voluntariamente tanto em Istambul quanto em Izmir. Na Grécia, encontramos a Euro Relief³, a Agência da ONU para Refugiados (ACNUR)⁴, Médicos sem Fronteiras (MSF)⁵, A Organização não Governamental Refugee for Refugees (R4R)⁶ e outras. A viagem ocorreu nos meses de setembro e outubro de 2017 e percorreu os seguintes locais: Istambul e Izmir, na Turquia, e Mytilene e Skala Skamineas, na Grécia. No tempo que ficamos na Grécia chegaram cerca de 300 novos refugiados Sírios, Afegãos e Africanos (Congo e Gana), incluindo mulheres, crianças e pessoas idosas.

Essa inserção em campo é também uma pesquisa acadêmica. Como pesquisa qualitativa, adquire características subjetivas de fenômenos sociais específicos de uma cultura e local (Turquia e Grécia). Como pesquisa exploratória e descritiva, o estudo se permitiu aprofundar em um estudo de caso dentro de uma realidade operacional. Ela também é uma pesquisa participante considerando o envolvimento dos autores com questões relacionadas à migração e direitos humanos, bem como com a inserção em campo. O objetivo dessa inserção em campo foi coletar os dados, aliado com a análise e interpretação dos fenômenos simultâneos que ocorrem com essa população e espaço. Bogdan e Biklen (1994) dirão que o pesquisador qualitativo só começa a estabelecer uma teoria a respeito de seu objeto de estudo “após a recolha dos dados e o passar de tempo com os sujeitos (BOGDAN e BIKLEN, 1994: 50)”.

Nessa direção, essa pesquisa-intervenção conta com o seguinte questionamento: Como acontecem as religiosidades em campos de refugiados na Grécia? Para tentar respondê-las, nos apoiamos nas análises de cultura com base em González (2011), nos estudos de cotidiano com base em Pais (2003) e Heller (2004), nas questões de definição de refugiados com base em Jubilut (2007) e Aydos *et. al.* (2008) e por fim os estudos da religião, encontrando referências em Hock (2010). As opiniões aqui expressas são dos autores e não representam necessariamente as opiniões das Nações Unidas.

Um Mundo pela Janela: primeiras impressões

Para nós, viajar sempre foi um ato aliado à descoberta, exploração, aventura e conhecimento. É um processo de experiências e trocas interculturais. Salgueiro (2002) dirá que:

³ Website: <<https://www.eurorelief.net/>>.

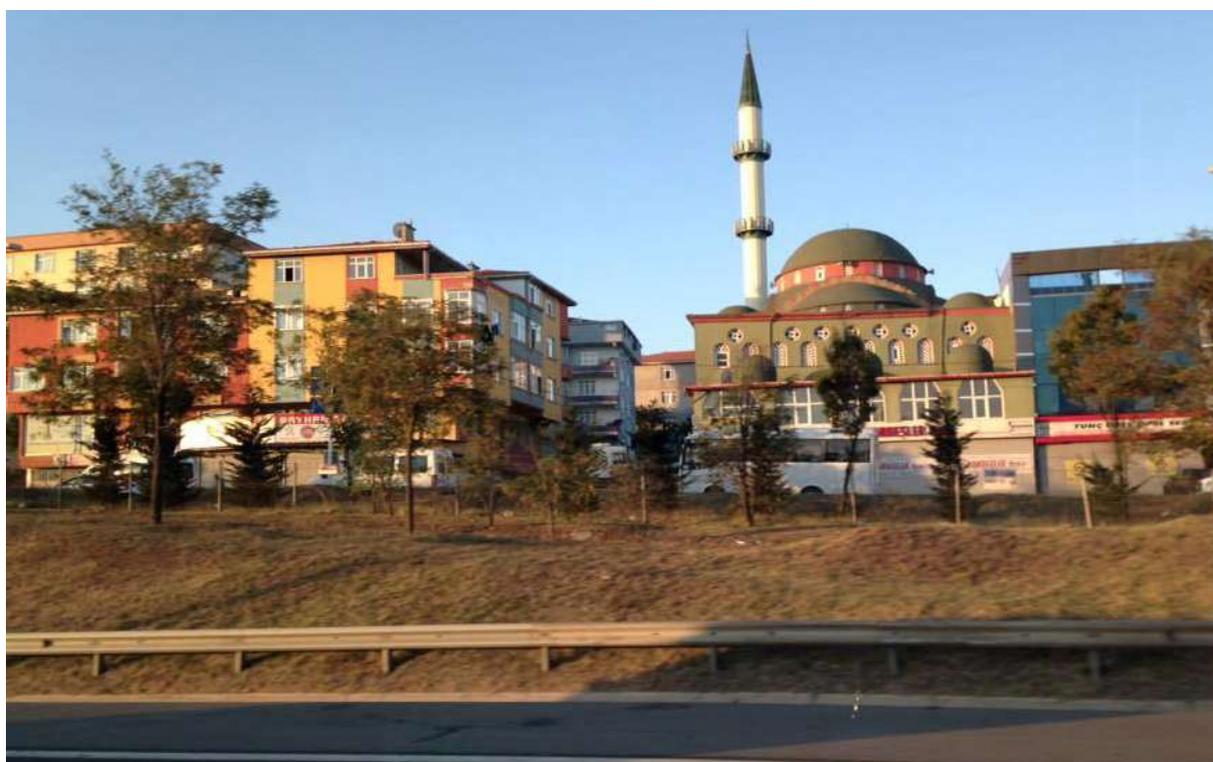
⁴ Website: <<https://www.unhcr.org/greece>>.

⁵ Website: <<https://www.msf.org/greece>>.

⁶ Website: <<https://refugee4refugees.gr>>.

Viagens fazem parte de nosso mundo interligado e complexo, inclusive viagens por puro prazer em que se procura viver algo em tudo diferente da rotina de cada dia — viagens de férias, de descanso, de finais de semana prolongados, em fuga da cidade ou, pelo menos, da cidade onde se vive e trabalha. Viagens de prazer, porém, sem o objetivo de reuniões e contatos profissionais, estão intimamente ligadas justamente a esse mundo ao qual buscam se opor: o mundo do trabalho (SALGUEIRO, 2002: 290).

Na Turquia, cultura, política, normas sociais e costumes são influenciados diretamente pela religião, predominantemente islâmica. Esses grupos são divididos em ramos, como sunitas e xiitas (entre outros), que se distinguem por possuírem formas diferentes de interpretação da Charia, a lei islâmica. Isso significa que, por ser uma nação religiosa, muitas mesquitas podem ser vistas pelas ruas. Em um quarto em um hotel na cidade de Istambul, sons preenchem o silêncio. De hora em hora, soava pelas ruas o alarme com o cântico dos muçulmanos chamando-os para a oração.



Mesquita em Istambul, Turquia. Foto: Arquivo Pessoal.

Anteriormente esse lugar era chamado de Constantinopla, devido sua rica diversidade de culturas, idiomas e geografia. Por ter um porto marítimo e comercial ativo tanto no passado quanto na atualidade, a região se posiciona geograficamente na Europa e Também na Ásia, através do estreito de Bósforo e é uma das principais ligações entre o oriente e o ocidente. Há aproximadamente quatro milhões de refugiados na Turquia (ACNUR, 2020: Online)⁷, representando um dos maiores quantitativos de refugiados do mundo. No que diz respeito a políticas públicas relacionada a esses povos, entretanto, a nação ainda precisa caminhar um pouco mais avante.

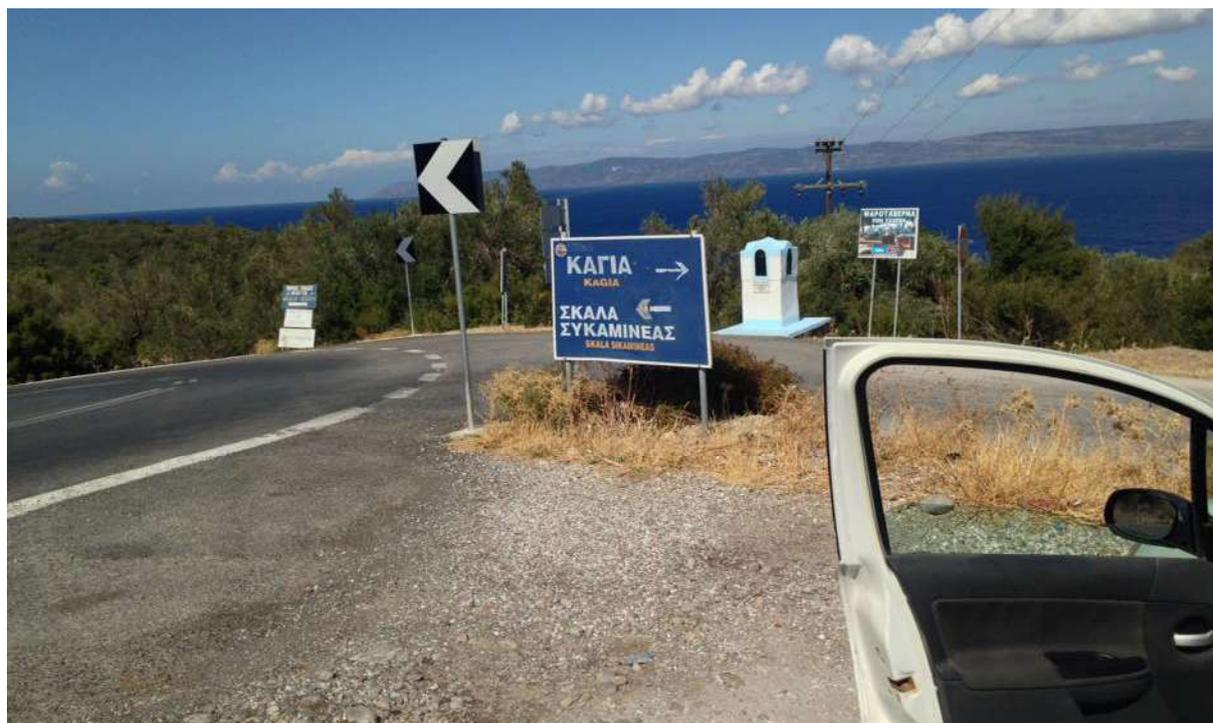
⁷ Disponível em: <<https://www.acnur.org/portugues/dados-sobre-refugio/>> Acessado em: 10/06/2021.

Mesmo com acordos internacionais e documentos de validação a nível global⁸, percebemos muitos refugiados pelas ruas, fronteiras fechadas, crianças órfãs desassistidas e inclusive pessoas vivendo no lixão, dividindo o espaço com comunidades ciganas e procurando no lixo o sustento para seu dia e vida, isso tanto em Istambul quanto em Izmir, duas cidades turcas onde estivemos.

Com um tempo muito limitado, realizamos algumas ações voluntárias com esses povos e suas crianças, como distribuição de brinquedos, livros didáticos e brincadeiras lúdicas e pedagógicas através de dois grupos cristãos: um sírio e sua família que narrou ter sido perseguido por todos aqueles que descobriram que ele havia se tornado cristão, inclusive seus familiares; e um missionário brasileiro que vivia em Izmir na época.

Outra Fronteira, Outras Histórias: nós, Deus e o mar⁹

A vida na Grécia é constituída de uma dinâmica que versa entre a modernidade e antiguidade, com ruínas de tempos religiosos e mitológicos invadindo e interagindo com o cenário urbano o tempo todo. Ao entrar em uma loja de souvenir, por exemplo, percebíamos muitas estátuas mitológicas, joias com o simbolismo do olho grego e até objetos que simbolizavam órgãos sexuais masculinos, como chaveiros e demais itens, personificando representações do sagrado e de espiritualidades.



Estradas, Montanhas, Pastos e Campinas no percurso em direção ao vilarejo de Skala Skamineas, Grécia. Foto: Arquivo Pessoal.

⁸ A convenção do ACNUR de 1951 relativa ao estatuto dos refugiados, a lei da união européia para refugiados e até mesmo o tratado de funcionamento da União Européia.

⁹ Inspirado no relato narrativo: “Apesar de este trajeto ser apelidado ‘a rota da morte’, queremos atravessar. Partimos para o desconhecido: somos só Deus, o mar e nós. É Allah quem decidirá nosso destino”. Falah, iraquiano, 50 anos. Disponível em: <<https://istoe.com.br/deus-o-mar-e-nos-cronica-de-uma-traves-sia-do-canal-da-mancha/>> Acessado em: 27/01/2021.

A viagem até o vilarejo de Skala Skamineas passou por estradas que rodeavam abismos e um fluxo intenso de pessoas e animais. Foi nesse percurso passamos próximo aos campos de refugiados Moria e Karatepe, onde tinham respectivamente 4 mil e 800 pessoas vivendo nesses lugares na época. Ao seu entorno e além, crianças sozinhas pedindo carona, talvez órfãos vivendo à margem. Próximo das grandes capitais, a estrada mostrava homens de pele avermelhada, sobrelhas grossas e roupas gastas procurando no lixo algo que servisse, principalmente alimentos. As mulheres, sempre vestindo o Icharb, xador ou burqa, vestimentas comuns de mulheres árabes e muçulmanas, muitas vezes mostravam no olhar suas histórias de vida e percurso.

Ao chegar à vila, constituída predominantemente por pescadores, agricultores, pastores de ovelhas, refugiados e trabalhadores humanitários internacionais, nos comunicamos com o Omar Alshakal, o fundador e coordenador da organização não governamental Refugee for Refugees. Ele, sírio, se apresenta como refugiado e resiliente. Ele diz que sua cidade natal foi cercada pelo grupo terrorista Estado Islâmico e então teve que fugir pela sua vida. Vivendo por um tempo no Líbano, foi salva-vidas voluntário e depois teve que retornar à sua terra para ajudar sua família no início da guerra civil. Uma vez de volta à Síria, a ambulância que conduzia ele e outros voluntários que ajudavam vítimas da guerra foi bombardeada em um ataque aéreo, e ele foi o único que sobreviveu. Com dificuldades de locomoção graças a esse atentado, migrou para a Turquia em busca de tratamento médico e foi aconselhado a seguir para a Europa, onde fez o percurso a nado pelo mar Egeu durante 14 horas. Depois de viver um tempo nas ruas de Atenas, decidiu ir para a Alemanha para outros trabalhos voluntários, mas seu visto foi barrado por ser acusado injustamente de pertencer ao Estado Islâmico. Após sobreviver a uma guerra civil, travessia de fronteiras terrestres e marítimas, passar por montanhas e outros obstáculos, decidiu retornar à Grécia e fundar um projeto, que logo viria a se tornar uma ONG de ajuda e recepção de outros refugiados: nascia então a Refugee for Refugees, ou, em português, Refugiado para Refugiados.

Após essa apresentação, ele nos levou a um local que chamava de cemitério de coletes, onde são descartados os coletes utilizados pelos refugiados que fazem essa travessia. Ele narrou que ainda em 2015 chegavam consecutivamente muitos botes lotados de pessoas desesperadas, chorando e com debilidades físicas, motoras e traumas diversos. Esses botes, por sua vez, eram contratados irregularmente com um “coiote”, uma pessoa ou organização local que cobrava ilegalmente um valor por indivíduo para encher os botes que fariam a travessia. Cada bote, ele dizia, tinha lugar seguro para em média oito pessoas. Entretanto, os botes chegavam com quarenta/cinquenta pessoas, incluindo crianças, levando a ocasionais mortes na travessia. Pensando em mapear essas estatísticas, a Organização Internacional das Migrações (OIM) lançou a iniciativa “Migrantes desaparecidos: Rastreamento de mortes ao longo das rotas migratórias”¹⁰. No relatório do ano de 2017, 1.836 mortes são registradas em todo o mediterrâneo, incluindo Espanha, Itália, Chipre e Grécia (OIM, 2021: Online)¹¹.

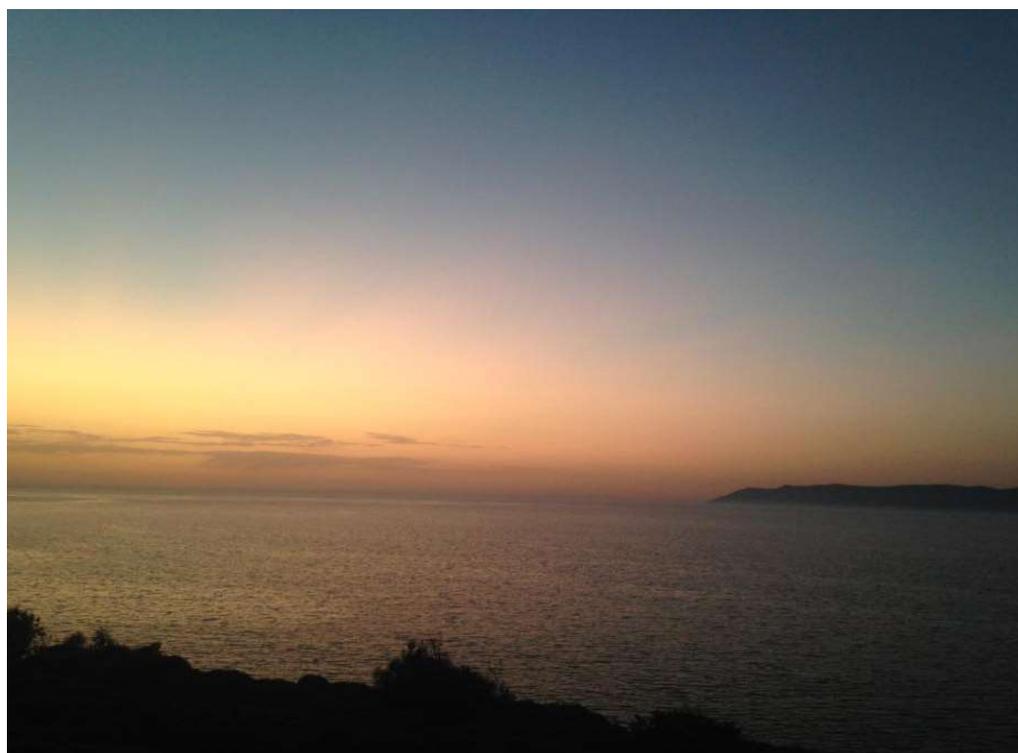
Além do mar agitado e do risco de deportação, outro perigo também fazia parte da travessia fronteiriça entre Turquia e Grécia: os piratas.

¹⁰ Tradução nossa. A versão original, em inglês, é a seguinte: Missing Migrants: Tracking deaths along migratory routes.

¹¹ Disponível em: < <https://missingmigrants.iom.int/region/mediterranean> > Acessado em: 10/06/2021.

Entre os principais riscos que esses navegantes representavam, estava a captura de pessoas para tráfico humano e roubo do motor do bote para venda. Quando esse último acontecia, geralmente era pedido para as pessoas nos botes se jogarem na água para que eles pudessem roubá-lo. Regularmente também acontecia de um bote ser avistado no meio do mar, mas após um tempo se percebia ele não chegava na Grécia ou retornava à Turquia. Geralmente as travessias aconteciam às madrugadas, com visibilidade menor para não serem capturados, porém mais riscos, como mar agitado, frio intenso e os outros já mencionados anteriormente.

Organizamo-nos então em dois grupos e turnos: aqueles que ficariam nas montanhas e no mar realizando a missão “landing” e também aqueles que ficariam no posto de recepção, onde receberíamos os refugiados que conseguiam atravessar a fronteira marítima. Percebemos nesses dois turnos que a quantidade e qualidade do trabalho o tornava ainda mais peculiar, intenso e emergencial. A parte do *landing* se constituía basicamente em utilizar os equipamentos disponíveis (binóculo, óculos de visão noturna, etc.) para tentar avistar as pessoas que tentam cruzar o mar dentro desse contexto de deslocamento forçado. Se isso acontecesse, comunicaríamos via rádio à R4R e também à polícia grega, que faria o resgate das pessoas e os levaria até os voluntários no mar e terra, cobrindo-os com manta térmica, entregando água potável e fazendo a primeira triagem de algum possível caso de saúde grave. Após isso, os levariam ao posto de recepção Stage 2, local onde ficariam até que a logística organizaria o transporte até o campo de refugiados mencionados acima, se tivesse lugar para eles. Caso não tivesse vagas, ficariam nas ruas, onde enfrentariam um difícil verão, inverno congelante e outras adversidades.



Montanha grega com uma vista para a Turquia. Foto: Arquivo Pessoal.

A respeito daqueles voluntários que ficariam no Stage 2 esperando os refugiados chegarem, seria atribuída a missão de preparo do campo através da limpeza, organização e triagem de doações alimentares e não alimentares que logo seriam entregues. Quan-

do as pessoas chegavam, lhes era entregue uma sopa quentinha, água, cobertor e eram alocados devidamente em seus colchões camas. Geralmente as pessoas ficavam 24 horas alojadas nesse local até que o ônibus alugado pela polícia grega os levaria até os campos próximos a Mitilini pela manhã do dia útil seguinte. Dali ficariam esperando seu registro como solicitantes de refúgio, feito pelo ACNUR e com participação governamental, que seria analisado em um prazo oficial de até um ano e depois seria dito se de fato são refugiados reconhecidos ou apenas solicitantes.

Os fenômenos de deslocamentos migratórios decorridos como consequência de graves violações de direitos humanos já estão presentes na história da humanidade. Desde a antiguidade se pode perceber o grande fluxo de judeus migrando para diferentes regiões do mundo em decorrência do holocausto e outras situações políticas e religiosas, o genocídio armênio em decorrência da ofensiva da Tríplice Entente e também a grande crise de refugiados na Europa devido às duas grandes guerras, ocorridas entre o período de 1914-1918 e 1939-1945, entre outros povos e conflitos, colocando o refúgio no centro de estudos de segurança pública, direitos humanos e cidadania a nível mundial.

Como fruto dos avanços de paz advindos da Primeira Guerra Mundial, a Organização das Nações Unidas (conhecida anteriormente como Sociedade das Nações e Liga das Nações) surgiu e estabeleceu em 1948 a Declaração Universal dos Direitos Humanos, iniciativa declarada na Assembleia Geral das Nações Unidas naquele mesmo ano e que serviu como um guia para as nações implementarem leis de garantia de direitos como acesso a educação, cidadania, saúde, liberdade religiosa, entre outros.

Nos anos seguintes seriam criados mecanismos internacionais de suporte ao exercício e garantia desses direitos, como a criação do Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR) com o mandato de garantia e proteção de refugiados e também a incorporação da Organização Internacional das Migrações (OIM) às Nações Unidas com um mandato de garantia da assistência a pessoas em situação de migração motivada por interesses econômicos, conflitos e instabilidades na nação de origem ou de acolhimento. Para Jubilut (2007), refugiados são:

(...) seres humanos que precisam buscar proteção em outro território que não o de sua origem ou residência habitual, em função de perseguições que sofrem (JUBILUT, 2007: 23).

São pessoas que deixaram seu país e sua casa, trabalho, amigos e inclusive famílias “(...) devido a um medo fundado de perseguição por razões de raça, religião, nacionalidade, pertencimento a um determinado grupo social ou opinião política (AYDOS *et al.*, 2008: 04)”, vindo buscar proteção em outra nação.

No entanto, as nomenclaturas em relação a refugiados e também migrantes são amplas, e às vezes, vagas. Aydos (2008), fala que a diferenciação entre alguém que é forçado a migrar e aquele que se desloca voluntariamente são necessariamente as experiências e necessidades particulares que um refugiado possui. No entanto, a problemática ainda é ampla e desafiadora na tentativa de explicar quem são de fato refugiados além das definições oficiais aproximadas:

Existem vários termos em uso para descrever migrantes forçados de diferentes tipos, incluindo o próprio termo refugiado ou outros como solicitantes de refúgio/asilo (asylum-seekers), refugiados humanitários (humanitarian refugee), exilados, transferidos (transferees) e até refugiados econômicos (economic refugees).

(...) as definições desses termos são geralmente vagas, e pouca evidência é apresentada para mostrar que eles são sociologicamente significantes no sentido de descrever um grupo de características que são inatas ou traços definidos de uma população teoricamente distinta.

(...) o termo refugiado teria um uso analítico não como um rótulo para um tipo especial, generalizável de pessoa ou situação, mas apenas como uma ampliação legal ou descritiva, que traz consigo um mundo de status socioeconômico, histórias pessoais e situações psicológicas (AYDOS *et al.*, 2008: 04-05).

Religiosidades em um Campo de Refugiados

No campo de refugiados, religião e cultura caminhavam juntas. Em minhas caminhadas, eu procurava compreender aquele local onde viviam tantas pessoas por longos períodos a partir da minha própria compreensão sobre moradia e habitação. Eu olhava as tendas, o formato de suas construções, o solo com pedras. Percebia diferentes nacionalidades convivendo entre si. Afegãos, Sírios, Africanos. Adultos e crianças de culturas diferentes ocupando um espaço totalmente novo, criado a partir de um acontecimento inusitado.



*Um Campo de Refugiados nas montanhas Gregas, próximo ao vilarejo de Skala Skamineas.
Foto: Arquivo Pessoal.*

Nos estudos de cultura existem considerações em diversas áreas, como antropologia, sociologia, educação, filosofia e tantas outras. Aqui escolhemos utilizar o conceito do teólogo González (2011) que a apresenta como um processo que acontece em duas instâncias simultâneas de culturas interagindo entre si: um externo e outro interno. A escolha do autor se dá pela relação que posso fazer dessas instâncias como espaço da sociedade circundante (externo) e o espaço dentro dos campos de refugiados (interno). A respeito do processo externo, o autor aponta para o fato de que constitui em desafios e oportunidades como alimentação, vestimenta, abrigo, defesa contra possíveis inimigos, entre outros. Trazendo para nossas análises em campos de refugiados, percebemos esses desafios externos como sendo a adaptação cultural em outro local que não o seu habitual e que inclui acesso a meios de vida como mercado de trabalho, estudos, adaptação linguística, religiosa e tantas outras. As possibilidades são várias. A respeito do processo interno, o autor aponta como signos e significados que permite a comunicação entre um determinado grupo humano, em uma relação não apenas com o ambiente circundante, mas também entre indivíduos, famílias e todos os demais membros do grupo outros (GONZÁLEZ, 2011: 37). Aqui, apontamos desafios internos o da convivência intercultural com outros povos, o respeito às mais diferentes culturas enquanto não apenas mantém sua história e cosmovisões, mas as adaptam por motivos de sobrevivência e aceitação no coletivo da vida no campo.

Um campo de refugiados é um ambiente multicultural, criado a partir de uma situação emergencial, que não dispõe de acesso aos recursos sociais que uma sociedade organizada de forma legislativa, executiva e judiciária dispõe, como saneamento básico, escola, serviços de saúde, lazer, acesso a lugares religiosos, entre outros. Nele, as pessoas vivem suas vidas e convivem com os outros diferentes e iguais. Diferentes por conta da nacionalidade, cultura, idiomas e visões de mundo, iguais pela semelhança no processo de deslocamento migratório forçado, ponto em comum entre os sírios, afegãos, africanos e demais.

É nesse local que diferentes nacionalidades e até mesmo apátridas criam e compõem seu cotidiano. Em um estudo de 2003, o sociólogo José Pais falará sobre os enigmas e revelações que fazem parte do cotidiano do ser humano que nos é pertinente aqui na pesquisa. Ele nos mostra que:

(...) se o cotidiano é o que se passa quando nada se passa – na vida que escorre, em efervescência invisível – é porque “o que se passa” tem um significado ambíguo próprio do que subitamente se instala na vida, do que nela irrompe como novidade (“o que se passou?”), mas também do que nela fui ou desliza (o que se passa...) numa transitoriedade que não deixa grandes marcas da visibilidade (PAIS, 2003: 28).

Mais adiante, ele dirá que são as rotas do cotidiano se constituem em uma encruzilhada entre rotina e ruptura. Rotina aqui adquirirá um sentido ontológico que traz a segurança de que a realidade é aquilo que se vê (PAIS, 2003: 29). Ruptura, no sentido de que significam irromper os sentidos da realidade a partir da experiência cotidiana. Nesse caso, ruptura compõe um campo semântico da rotina que ajudam a compreender melhor as raízes etimológicas do termo.

É nesse formato que os refugiados desenvolvem seu cotidiano. Enquanto eles são

acolhidos por um sistema internacional que respalda essa assistência, eles esperam. Esperam pela comida, esperam por projetos de capacitação, esperam pela decisão oficial de regularização migratória, esperam para viver. Heller (2004) falará que “a vida cotidiana não está “fora” da história, mas no “centro” do acontecer histórico: é a verdadeira “essência” da substância social (HELLER, 2004: 21)”.

Essa autora em muito contribuiu com os relevantes apontamentos em torno de fatos e conceitos que compõe o cotidiano. Ela dirá, por exemplo, que o ser humano é particular e genérico. Particular em um sentido de características únicas e pessoais, e genérico por ter outras características inerentes a todos os seres humanos. Seria possível ao cotidiano ser também particular e genérico?

A vida cotidiana é, em grande medida, “heterogênea”; e isso sob vários aspectos, sobretudo no que se refere ao conteúdo e à significação ou importância de nossos tipos de atividade. São partes orgânicas da vida cotidiana: a organização do trabalho e da vida privada, os lazeres e o descanso, a atividade social sistematizada, o intercâmbio e a purificação (HELLER, 2004: 18).

A religião se constitui um elemento comum no desenvolvimento de comunidades organizadas. Ela é também parte desse complexo cotidiano, constituindo inclusive um processo ontológico fundamentado em uma relação do sujeito questionador de si com o seu mundo ao redor. Nesse processo, homem e mundo são inseparáveis (ZANETTE; CARDOSO; SANTOS, 2020: 12). Perguntávamo-nos então: como as religiosidades¹² se manifestam nesse ambiente?

Muitos autores em diversas áreas do conhecimento contribuíram com interpretações sobre o que é religião, como Leuba (1917), Agostinho (1997), Otto (2007), Hock (2010) e outros. Cícero (106-43 a.C) usava a expressão *cultus deorum* para designar “culto” ou “cultivo” aos deuses antigos. Lactâncio (240-320 d.C), mais adiante, trás o popular conceito *religare*, que significa ligar de novo, no sentido de uma conexão re-estabelecida com Deus. Depois, Agostinho (354-430 d.C) propõe o *religio vera*, que significaria religião verdadeira, adaptando assim as notas de Lactâncio.

Alguns acontecimentos ocidentais presentes no *zeitgeist*¹³ nas épocas seguintes (iluminismo, reforma protestante e outros) levaram a concepções sobre religião, envolvendo diversidade, moralidade e diferentes cosmovisões. David Hume (1711-1776), por exemplo, identificou a religião como *natural religion*, um termo que representa conceitualmente estar envolvida por detrás e acima da ampla diversidade de religiões. Poderia também falar sobre diversas outras contribuições em busca de um termo mais apropriado, como Freud e a psicanálise e religião, Marx e o socialismo científico e religião e tantos outros. Entretanto, também são importantes alguns olhares sobre essas questões no oriente.

Na escatologia islâmica, por exemplo, algumas expressões são utilizadas para se

¹² Aqui “religiosidades” se referem a um sentido de multi representações e interações da religião e do sagrado no indivíduo e no ambiente circundante.

¹³ Essa expressão é utilizada aqui representando pensamentos e ideias específicos que giravam em torno de um determinado período ou localização geográfica.

aproximar de uma definição de religião, como *dâna* e *adyân*, que fazem menção a hábitos, formas de vida e acerto com algo/alguém superior. Já no contexto Hinduísta, os termos utilizados são *dharma* e *dhr*, do sânscrito, que correspondem a aspectos e sistemas que compõe as tradições hindus e aproximam a uma definição oriental apropriada. No budismo, os ensinamentos giram em torno da ordem das coisas. A palavra *dhamma* faz menção à senda óctupla, ou seja, o conjunto de ações que levam ao fim do sofrimento. No oriente da Ásia, o termo utilizado ao se aproximar da religião é *tao*, sendo um caminho/princípio que está na base de tudo. No contexto chinês, a palavra *bai shen*, que significa veneração dos deuses, é uma espécie de definição de religião coletiva com muitos ramos derivados. No contexto africano, oceânico e também no indígena brasileiro, não existe um consenso sobre o que pode ser religião ou espiritualidade, podendo ser tudo¹⁴ ou também nada.

Outras considerações poderiam ser feitas aqui para procurar exemplificar como outros povos pensavam religião e espiritualidade, como egípcios, judeus, babilônicos, nórdicos, celtas e outros. Entretanto, nos cabe mencionar que o ponto fundamental é que as religiosidades, como forma de expressões ou sentimentos pela religião, pelo sagrado e por questões espirituais, estão inseridas dentro de contextos culturais, linguísticos, históricos e até mesmo geográficos.

Pensando nisso e em vários outros fatores que compõe a vida do ser humano, no ano de 1948 surgiu a Declaração Universal dos Direitos Humanos, adotada pela Organização das Nações Unidas. Segundo ela, o indivíduo é livre para escolher, exercer e mudar sua religião sozinho ou no coletivo e através da prática, dos ritos e do ensino¹⁵. Entretanto, indivíduos que vivem em campos de refugiados são seres que foram privados de tais direitos, como por exemplo, convivência familiar com parentes, de viver em sua nação de origem. Privados de acesso a lugares de vivência religiosa, como igrejas, mesquitas, templos.

Em alguns momentos utilizávamos de observações etnográficas para através dela procurar entender os diferentes acontecimentos dentro de um campo de refugiados. Em outros, parávamos para escutar o que diziam os refugiados a respeito de sua vida, sua trajetória e vivência, quando esses falavam inglês e assim podíamos nos comunicar através da linguagem verbal¹⁶.

Nossa primeira impressão ao pensar naqueles campos de refugiados na Grécia era que sua maioria era composta de sírios fugindo de perseguições do Estado Islâmico, mas fomos surpreendidos quando descobrimos que muitas outras nacionalidades estão fugindo de diferentes tipos de calamidades¹⁷. O Afeganistão, por exemplo, passa por um período de mais de 30 anos em conflitos armados, com gerações inteiras que crescem nesse contexto de guerra. No contexto dos conflitos contemporâneos da África, Congo e Gana também são listados como em conflitos armados ou guerra civil há igualmente muitos anos.

Se no centro de chegada e recepção a situação era pacífica, nos demais campos de

¹⁴ Ou seja, pessoas, objetos, elementos da natureza, animais, fenômenos ambientais, costumes e outros.

¹⁵ Artigo 18 da Declaração Universal dos Direitos Humanos. Disponível em: <https://www.ohchr.org/en/udhr/documents/udhr_translations/por.pdf>. Acessado em: 11/06/2021.

¹⁶ Apesar de comum entre os adultos, com as crianças foi um desafio. Ao pesquisar sobre ensinar inglês para refugiados nos campos na Grécia, Tsagdi *et. al.* (2020) falam sobre o caso da escola *lexena* e dos diferentes desafios que encontram no campo, entre eles, o fato de que muitas crianças presenciaram traumas. As autoras falam ainda que os professores deveriam ser mais bem preparados.

¹⁷ Importante pontuar que os motivos dos sírios são os mais variados, incluindo, mas não se limitando, às perseguições sofridas pelo grupo terrorista que se autodenomina Estado Islâmico.

refugiados havia tensão a todo instante. Super lotados, as pessoas se aglomeravam para receber suas refeições e também água. Com muitas mulheres sobreviventes de diversos tipos de violência, idosos, pessoas com graves problemas de saúde e muitos menores desacompanhados, as pessoas vinham originalmente de diferentes partes do mundo, como Egito, Somália e os outros já citados anteriormente. Com diversos problemas de infraestrutura, segurança e WASH¹⁸, a vida no campo tinha seus diversos desafios.

Os colegas da organização Médicos sem Fronteiras relatavam que diversos refugiados – inclusive crianças – tentavam o suicídio devido os infortúnios que lhes havia acometido, antes ou durante sua chegada e permanência naquele lugar. De fato, um ano após nosso tempo na Grécia o MSF divulgaria que em um período de Fevereiro a Julho de 2018:

“(...) quase 25% das crianças (18 de 74) haviam se autoflagelado, tentado suicídio ou pensado em cometê-lo. Outros pacientes também sofrem de mutismo eletivo, ataques de pânico, ansiedade, comportamentos agressivos e pesadelos constantes (MSF, 2018: Online)¹⁹”.

Assim, os conflitos dentro do campo eram diários, e situações como incêndios, pequenas contendas e até mesmo morte já eram corriqueiras. Sobre aqueles que por algum motivo não conseguiam entrar no campo (ou fugiam deste), restava-lhes tentar a sorte nas ruas ou até mesmo um novo percurso migratório a outra nação. Nas épocas de inverno, temia-se por mortes causadas por congelamento devido às baixas temperaturas não apenas na Grécia, como em toda a Europa (MSF, 2017: Online)²⁰.

¹⁸ Sigla em inglês muito usada no campo humanitário e significa Water, Sanitation and Hygiene, que em português quer dizer água, questões sanitárias e higiene.

¹⁹ Disponível em: <<https://www.msf.org.br/noticias/grecia-aumentam-tentativas-de-suicidio-e-autoagressao-entre-criancas-refugiadas-no-campo-de>> Acessado em: 11/06/2021.

²⁰ Disponível em: <<https://www.msf.org.br/noticias/congelados-na-europa-inverno-castiga-milhares-de-pessoas>> Acessado em: 11/06/2021.



*Em Mytilene, na Grécia, os muros também falam. Tradução: Fronteiras não são veganas.
Foto: Arquivo Pessoal.*

Todo esse contexto é importante mencionar porque impactava diretamente nas religiosidades encontradas no campo. É importante pontuar que ao migrar as pessoas trazem consigo seus símbolos, signos, ritos e mitos em relação ao sagrado, que inclui principalmente sua vivência religiosa. Bem na entrada no campo Moria, uma pequena instalação foi levantada, e tinha o nome de Igreja das Nações. Essa igreja, predominantemente cristã e mantida por refugiados voluntários que viviam no próprio campo já tinha sido alvo de ataques de refugiados extremistas religiosos de outras religiões representadas no campo, mas ainda assim decidia continuar em funcionamento. Alguns refugiados relatavam que, ao se assumirem cristãos em sua comunidade, uma onda de perseguição e intolerância religiosa passava a fazer parte de sua rotina, motivo que os fizeram migrar por sua vida.

No dia a dia do campo, as religiões se misturavam, mas sem sincretismo. Apesar de haver a intolerância por parte de alguns, também tinha respeito por parte de outros. Os tapetes e finos colchonetes no chão eram colocados para oração dos muçulmanos, enquanto que bíblias e círculo de oração cristã eram feitos em outro espaço. Os trabalhadores humanitários, inclusive voluntários, também possuíam suas próprias crenças religiosas, porém não lhes era permitido evangelizar dentro do campo, sendo essa prática livre apenas para os refugiados entre si.

Diante de tantas circunstâncias complexas e histórias difíceis, nossa impressão é de que a religião dava força e esperança aos refugiados para continuar vivendo e sendo resilientes. De todos os achados e observações que fizemos no campo, essa, sem dúvida, é a que mais se encaixa no contexto da importância da religiosidade na vida do ser humano, principalmente no contexto humanitário, onde muitos perderam tudo e só lhes resta suas próprias crenças e convicções.

As Fronteiras que Criamos

Como resultado, pudemos compreender que as religiosidades no campo são construções diárias. As percebemos como multiculturais, desafiadoras, complexas e estimuladoras, dependente de diversos fatores incomuns, como viver em tendas, ao invés de casas, de conviver com diferentes culturas e nacionalidades, de alimentação coletiva em horários determinados através das filas enormes que se aglomeravam. De cultos improvisados ao ar livre ou dentro de pequenas tendas, de compartilhamento de orações e cumplicidade. De conflitos, perseguições e intolerância, mas de resistência, luta e esperança. Pudemos interpretar também as interações significativas que surgiam a partir da relação com os trabalhadores humanitários de diferentes nacionalidades e contextos, inclusive voluntários missionários. Identificamos que as crianças falam através de seus desenhos, mesmo quando não usam palavras. Que os olhares revelam dificuldades e caminhos tortuosos, mesmo em silêncio. Foi preciso sair da zona de conforto para ultrapassar a barreira do superficial e só então conhecer o profundo.

Ter vivido essa experiência a partir do olhar acadêmico e de pesquisa se tornou um elemento importante de aproximação, estabelecimento de comunicação e intercâmbio cultural, em um processo de relações internacionais e interpessoais. O mais importante em tudo isso não foi o resultado obtido, mas o percurso. O entendimento é que as fronteiras que criamos de fato existem no sentido geográfico, mas só depende de nós para deixarem de existir em tantos outros, como aqueles limitados às questões políticas de segregação e exclusão. Nos os observávamos, mas nos víamos. Pesquisamos sobre outros e nos encontramos no caminho.

Os campos de refugiados continuam recebendo pessoas em suas jornadas de sobrevivência e nunca estiveram tão cheios em toda sua história. Eles continuam a chegar na Europa dos mais diferentes países do Oriente Médio e nações além. As histórias continuam ali aguardando a chance de serem ouvidas, compreendidas e ecoadas a todo canto onde possam chegar.

Referências

AGOSTINHO. **Confissões**. São Paulo: Paulus, 1997.

ALTO COMISSARIADO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA REFUGIADOS (ACNUR). **Dados sobre Refúgio**, ano 2020. Disponível em: <<https://www.acnur.org/portugues/dados-sobre-refugio/>> Acessado em: 10/06/2021.

AYDOS, Mariana Recena; BAENINGER, Rosana; DOMINGUEZ, Juliana Arantes. **Condições de Vida da População Refugiada no Brasil: trajetórias migratórias e arranjos familiares**. In: III Congreso De La Asociación Latinoamericana De Población, 2008, Córdoba. III Congreso de La Asociación Latino Americana de Población ALAP, 2008, Córdoba - Argentina. III Congreso de La Asociación Latino Americana de Población ALAP. Rio de Janeiro: ALAP, 2008. Disponível em: <http://www.faed.udesc.br/arquivos/id_submenu/1416/artigo_sobre_refugiados_2008_mrj.pdf> Acessado em: 11/06/2021.

BOGDAN, Robert; BIKEN, Sari. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Tradução Maria João Alvarez e outros. Lisboa: Porto, 1994.

CANEDO, Daniele. **Cultura é o quê? - reflexões sobre o conceito de cultura e a atuação dos poderes públicos.** In: V Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura - Enecult, 2009, Salvador. Anais V Enecult, 2009. Disponível em: <<http://www.cult.ufba.br/enecult2009/19353.pdf>> Acessado em: 11/06/2021.

GONZÁLEZ, Justo. **Cultura & Evangelho: o lugar da cultura no plano de Deus.** São Paulo: Hagnos, 2011.

HELLER, Ágnes. **O cotidiano e a história.** Trad. Carlos Nelson Coutinho e Leandro Konder. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

HOCK, Klaus. **Introdução à Ciência da Religião.** São Paulo: Loyola, 2010.

JUBILUT, Liliana Lyra. **O Direito Internacional dos Refugiados e sua aplicação no ordenamento Jurídico Brasileiro.** 1. Ed. São Paulo: Método, 2007.

LEUBA, James Henry. **The belief in God and immortality: A psychological, anthropological and statistical study.** Boston: Sherman, French & Co, 1916. Disponível em: < http://moses.law.umn.edu/darrow/documents/Leuba_Belief_in_God_Complete.pdf> Acessado em: 10/06/2021.

MÉDICOS SEM FRONTEIRAS. **Grécia: aumentam as tentativas de suicídio e autoagressão entre crianças refugiadas no campo de Moria.** 2018. Disponível em: <<https://www.msf.org.br/noticias/grecia-aumentam-tentativas-de-suicidio-e-autoagressao-entre-criancas-refugiadas-no-campo-de>> Acessado em: 11/06/2021.

_____. **Congelados na Europa: inverno castiga milhares de pessoas.** 2017. Disponível em: <<https://www.msf.org.br/noticias/congelados-na-europa-inverno-castiga-milhares-de-pessoas>> Acessado em: 11/06/2021.

ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DAS MIGRAÇÕES. **Missing Migrants - Tracking Deaths Along Migratory Routes.** Disponível em: < <https://missingmigrants.iom.int/region/mediterranean>> Acessado em: 10/06/2021.

OTTO, Rudolf. **O Sagrado: os aspectos irracionais na noção do divino e sua relação com o racional.** São Leopoldo: Sinodal/EST; Petrópolis: Vozes, 2007.

PAIS, José Machado. **Vidacotidiana: enigmas e revelações.** São Paulo: Cortez, 2003.

SALGUEIRO, Valéria. **Grand Tour: uma contribuição à história do viajar por prazer e por amor à cultura.** São Paulo, v. 22, n.44, p. 289-310, 2002. Disponível em: < <https://www.scielo.br/j/rbh/a/6hKN4T5Shdv7gn5w7c8RWRf/?format=pdf&lang=pt>> Acessado em: 10/06/2021.

TSAGDI, Sofia; TSITSIKAS, Efthimios; TSIKALOU, Maria; THEOLOGOU, Konstantinos. **Teaching English to Refugees in Greece: The Case of Lexena School.** The IAFOR International Conference on Education - Hawaii 2020. Disponível em: <http://25qt-511nswfi49iayd31ch80-wpengine.netdna-ssl.com/wp-content/uploads/papers/iic-hawaii2020/IICEHawaii2020_55603.pdf> Acessado em: 10/06/2021.

ZANETTE, Edgard Vinicius Cacho; CARDOSO, Pewry Thor Terra. SANTOS, Josué Carlos Souza dos. **Consciência e engajamento na filosofia de Jean-Paul Sartre: Notas sobre**

fenomenologia e consciência pré-refletiva. REVISTA ELETRÔNICA AMBIENTE: GESTÃO E DESENVOLVIMENTO, v. 13, p. 6-17, 2021. Disponível em: <<https://periodicos.uerr.edu.br/index.php/ambiente/article/view/904/548>> Acessado em: 10/06/2021.